

Podemos aprender a ser poetas com as mães e seus bebês¹

We can learn to be poets with mothers and their babies

Cíntia Cristine Schmitt²

RESUMO: Este trabalho foi desenvolvido a partir da experiência de observação de bebês pelo método Esther Bick e o interesse em aprofundar conhecimentos teóricos acerca do que se passa num campo relacional tão intenso, quanto o de uma mãe e seu bebê. Devido ao fato de este ser um campo tão repleto de sentimentos, procuro utilizar alguns conceitos teóricos do próprio método e de autores que estudam o assunto para tentar abrir outro caminho de vazão, que não só pela supervisão, buscando colocar palavras no indizível.

ABSTRACT: The present work was developed from observation of babies following Esther Bick's Method along with the interest on deepening theoretical knowledge on a relational field as intense as the mother and baby relationship. Since it is a field so full of feelings, the topic was approached by using some theoretical concepts from the method previously stated and from other authors on this subject, seeking a new form of flow, other than by supervision, searching for words to say the unspeakable.

Palavras-chaves: Observação de Bebês; Método Bick; Psicanálise.

Keywords: Observation of babies; Bick's Method; Psychoanalysis.

¹ Trabalho apresentado como finalização do primeiro ano do curso de especialização em Psicoterapia da Infância e Adolescência, no ano de 2003, ao Contemporâneo – Instituto de Psicanálise e transdisciplinariedade.

² Psicóloga, Especialista em Psicologia Clínica. Membro efetivo do Contemporâneo. Rua Dr.Florencio Ygartua 271/706 Consultório fone:99173755 E-mail: cinti@portoweb.com.br

Observar, relatar. De acordo com o dicionário Aurélio Buarque de Holanda (1981), diz-se que estes dois verbos infinitivos têm forma nominal, de função substantiva. Verbos que resumem infinitas palavras, associações sem limites, que emergem num jogo de olhares em prol de uma construção substancial, o desenvolvimento de um ser humano.

A experiência em observação de bebês faz emergir um duplo sentido no nível de desenvolvimento: a noção de nutrição substantiva (que faz uma criança crescer dentro do vínculo com sua mãe através de olhares, do leite, de gestos, entre outros), e a possível evolução das capacidades daquele que se dispõe a observar o desenvolvimento da relação mãe-bebê, num contexto no qual ele se faz presente, mas não atua e, por isto, acaba também tendo que desenvolver habilidades para lidar com as situações que “falam” do indizível.

Em meio a esses dois objetivos, nós, estudantes do desenvolvimento humano e da psicologia clínica analítica, nos colocamos na função de observadores, seguindo o Método de observação Esther Bick. O método foi composto por Bick em 1948 com objetivo de poder observar o desenvolvimento de uma criança, de modo a não causar grandes perturbações no meio ambiente familiar, e, ao mesmo tempo, permanecer no campo emocional da família e particularmente da mãe e seu bebê. Sem aconselhar, aprovar, desaprovar ou intervir (Mélega, 1997).

Em 1960, Esther Bick fez com que seu método fizesse parte da formação dos analistas na Sociedade Britânica de Psicanálise, por estar sendo considerada uma ampliação do método analítico clínico.

Na execução deste tipo de trabalho, bem como num *setting* analítico, a observação de bebês também requer a composição de um *setting* para que seja possível situar os fenômenos que estão operando. Para tanto, existem três passos essenciais básicos: observação em visitas semanais de uma hora na casa da família, registro como reconstrução detalhada de cada observação e posterior discussão grupal em supervisão semanal.

Ungar (2000), afirma que, partindo da idéia na qual a realidade é incognoscível e inapreensível, tudo o que é observado se torna material para construção de posteriores conjecturas. Neste método, não se pode fazer anotações durante as observações, ainda que a recomendação da supervisão seja ter um relato com os mínimos detalhes para discussão em grupo. Esse fato pode levantar angústias, que de acordo com Falcão

(2002), esse processo constitui uma excelente preparação para o estágio de aprendizagem, quando psicoterapeutas e analistas em formação precisam ouvir seus pacientes e redigir posteriormente seus relatos para supervisão.

O contato inicial com a família da qual se pretende observar o bebê, usualmente é feito por alguém de confiança deles, como meio de facilitar o vínculo entre a família e o observador. Este último, ao fazer a proposta/contrato da observação, se apresenta como alguém interessado no desenvolvimento de bebês dentro do seu ambiente familiar e que deseja realizar a observação como parte do seu treinamento profissional, em conexão com seu estudo sobre crianças, evitando qualquer referência à saúde mental, sendo enfatizada a criança em desenvolvimento e suas capacidades.

Mélega (1997) nos atenta ao fato de que o contexto em que o material que está sendo observado, se comparado com o clínico, exige muito maior disciplina do que na clínica onde estamos protegidos por um enquadre físico, pois nestas visitas, o observador precisa ir conquistando um enquadre protetor que só se faz possível quando ocorre a internalização da função de observador.

O observador vai progressivamente encontrando seu lugar neste contexto, nem distante demais, nem demasiado íntimo. Vai percebendo o pesado impacto do novo nascimento sobre a família e sobre ele próprio. A presença de um novo membro na família exige uma reorganização da estrutura familiar que já estava em funcionamento; sendo assim, esse processo acaba gerando uma desorganização na identidade de cada membro da família: pais que não são mais filhos passam a ser pais, irmão que não é mais filho único passa ser o filho mais velho- de forma que o bebê ainda representa uma vida muito frágil em situação precária. O observador chega exatamente nesse momento da interação familiar (LACROIX, MONMAYRANT, 1997).

Neste enquadre de exposição, o observador deve sustentar uma atitude confiável, atenta, não amistosa e não intrusiva. Sentimentos intensos são produzidos com o advento do nascimento de um bebê no sistema familiar, por isso, se deve seguir a regra de abstinência. Como o observador participa dos momentos de grande intimidade entre mãe-bebê e também de vulnerabilidade, esta postura do observador propicia a abertura de um espaço vazio neste mundo de emoções - onde as sensações acerca dos acontecimentos têm impacto muito intenso, e comumente levam a identificações tanto com o bebê, quanto com os pais desses bebês (UNGAR, 2000).

Não se pode esquecer que os bebês utilizam as formas sensoriais para entrar em contato com a mãe, principalmente pelo olhar. Lacroix e Monmayrant (1997) apontam que é como se através dos olhos pudessem se colar a algo, a fim de se manterem coesos, sendo que, da mesma forma, os observadores vão se enredando neste inter-jogo de olhares. Por isto, a observação não se atém apenas nas atitudes manifestas, mas também nas reações próprias do observador que faz parte da interação, e é assim o único meio de obter uma maior compreensão da interação psicodinâmica.

Ungar (2000) fala exatamente sobre o observador como o elemento fundamental, como o instrumento da observação. Ele faz parte do campo, ao observar seus próprios sentimentos, pensamentos, fantasias e sinais corporais. Não se pode deixar de lado a questão de que, por mais que tenha sido contratado com a família, sua presença não deve alterar em nada a rotina da casa, sua presença afeta sim, o campo da observação, produzindo efeitos sobre o mesmo. Ou seja, a tentativa em elucidar o que acontece é o que chamamos de análise da contratransferência.

Este movimento acima descrito, caracteriza a observação como participativa, mesmo que o observador não faça nenhum tipo de intervenção, pois o observador participa com sua disposição ao colocar sua atenção, seu interesse, e logo, sua capacidade de questionamento por refletir sobre o observado.

Em Falcão (2002), encontramos como recomendação que o observador faça uso pleno de sua atenção flutuante, atos falhos da escrita, esquecimentos, o não-dito, inclusive o “pensei que não era importante”.

Para Caron, Matte, Cardoso, Lopes e Dalcin (1999), a função do observador tão somente de observar (estando discreto, atento, de forma delicada e não crítica) o permite ser invadido, assim como o bebê, por palavras, sensações e gestos ambivalentes que podem nos surpreender a todo o momento.

Mélega (1997) coloca que a observação é a função da mente que constitui ferramenta principal da psicanálise e por este método, o observador é treinado a observar detalhes muito sutis e de forma sistemática, indo além das condutas manifestas e componentes verbais da linguagem. Logo, a observação de bebês vem a desenvolver a capacidade de construir modelos, conjecturas imaginativas, que vão dando significado e sentido aos vínculos emocionais mais tenros, o que nós estudantes da psicologia analítica veremos que mais tarde serão estas relações atualizadas na transferência da prática analítica em sessões terapêuticas. Por isto, este tipo de relação mãe-bebê foi

especificamente escolhido para ser observado, por ser o tipo de relação na qual podemos observar em múltiplos sentidos o que acontece na mais substancial das relações, inclusive no coração do processo analítico, a transferência.

Muitas vezes as mães projetam nos observadores as suas ansiedades, mas com a supervisão e análise pessoal, o observador é capaz de assumir uma postura apropriada em que não seja invadido pelas angústias da família. Bem como o observador poderá se identificar com a mãe e projetar-se em seu supervisor. Falcão (faltou referência) refere que, com humildade, paciência e respeito, qualidades muito úteis na clínica, esses aspectos projetivos seguem bom encaminhamento.

O observador que faz semanalmente suas visitas, observa, se inunda pelos sentimentos evocados e somente quando realiza o relato escrito e depois o apresenta ao grande grupo de supervisão semanal, compreende, organiza e dá sentido a estas vivências e se reabastece na sua função de observador (CARON et al., 1999). Devido a isso, a supervisão em grupo semanal se constitui como o verdadeiro momento analítico.

Espera-se que num grupo com estes objetivos, os membros tenham certa maturidade para tolerância à frustração, controle das emoções e contato com a realidade. Regulado por um analista, é o espaço que se dedica a dividir as experiências, utilizando-se ferramentas conceituais da psicanálise. Nas discussões sobre as observações, aparecem diferentes pontos de vista como base de uma aprendizagem por experiência acerca da complexidade da vida mental. A observação de um bebê em seu meio traz efeitos de grande impacto emocional sensível a distintas leituras (MÉLEGA, 1997).

Caron et al. (1999) acreditam que, através do relato de cada um no grupo, os participantes acabam se contaminando com os relatos uns dos outros por identificações e distribuem-se pelos diferentes papéis e funções de cada observação. Através do trabalho de decodificação destas comunicações primitivas do texto, irão surgir novos sentidos das cenas, surpresas inéditas frente ao observado, sinalizadoras de novas verdades psíquicas. Este modo de dar significados ao que vai aparecendo no trabalho grupal, serve como modelo de trabalho com os pacientes numa sessão analítica. Não se trata da interpretação que o analista faz sobre o mundo interno do paciente, mas da aproximação da hipótese sobre a qual paciente e analista vão construindo significados. Assim, trabalhamos nosso pensar em cima das hipóteses do que observamos.

Ferrari Filho (1998) afirma que é assim que o psicanalista também o faz. Antes de uma interpretação, ele observa o material que vem na sessão, os fenômenos, trabalha

com disciplina e técnica necessárias, procurando formular sentidos no que observa, até comunicá-las ao paciente. Pensar sob estes relatos de experiências tão primitivas, também aproxima os observadores dos conteúdos de uma fase da vida, na qual a comunicação primordial não era verbal, na qual as coisas ainda não estavam organizadas e nem tinham recursos suficientes para interagir via palavra. Numa época na qual as coisas ainda não tinham representações de significados dentro do psiquismo, eram apenas coisas. Segundo Ferrari Filho (1998), isso nos remete à importância da palavra como estrutura organizadora da mente, já que após a aquisição dessa como elemento simbólico, o ego evolui ao processo do pensamento.

De acordo com o mesmo autor, na vida adulta, a comunicação não verbal não desaparece quando os indivíduos interagem entre si, todavia, se mantém num plano secundário em comparação às palavras. Desta forma, observadores de bebês são estimulados a se sensibilizarem com esta comunicação que havia sido “esquecida”.

Freud (1915), em “Lo Inconsciente”, nos disse que o processo para evolução do simbolismo é justamente esse, um complicado processo associativo no qual confluem elementos visuais, acústicos e cinestésicos, que vem a ser construído o objeto no processo de conhecer, um objeto do mundo. Disso, se constrói a palavra. Cada uma é a representação complexa de imagens a que temos consignado associações. Assim se aprende a escrever, enquanto se reproduz imagens visuais das letras frente às imagens das inervações das mãos, até dar origens às imagens visuais iguais ou semelhantes. Portanto, é a partir da observação, passando por impactos emocionais, que se chega à palavra.

No trabalho de observação de bebês, o observador pode estar presentificado numa área extremamente valiosa, entre a mãe e seu bebê, segundo Winnicott (1975), ele pode estar como representante do espaço potencial entre mãe e filho. Um espaço onde o ambiente fica propício para o desenvolvimento emocional do indivíduo. E, mais uma vez, encontraríamos uma área de intersecção entre o desenvolvimento humano e do observador. O observador como um sujeito “vazio”, (ao que referimos, não expressar emoções) e ao mesmo tempo corajoso por se colocar vivamente no meio da construção deste espaço, antes singular a mãe e ao bebê. Somente dessa forma ele será capaz de tentar captar as belezas e as tensões desse ambiente. Tal como o analista, que em termos de associações livres, deve permitir ao paciente no divã, ou à criança entre brinquedos no chão, que comuniquem uma sucessão de idéias, pensamentos, impulsos, sensações se

apresentem ainda que sem conexão aparente. Partindo da atenção sob seu paciente o analista terá a avidez necessária para auxiliá-lo. Um observador de bebês, que segue a carreira analítica, vai aprendendo a se retirar das evidências e seqüência de fenômenos, a fim de contê-las e poder resolvê-las no local apropriado, a supervisão. Já o analista, deve conter os acontecimentos e procurar elaborá-los com o paciente *in locu*. Mas, nenhuma das duas situações ocorre de forma adequada se não levarmos em consideração a capacidade de observar.

Esther Bick tinha essa curiosidade, a de saber como o observador via cada movimento específico do bebe. Numa posição gentil, presente, sem opinar nem criticar as limitações da mãe, garante a aceitação do observador por parte da mãe, que ao mesmo tempo lhe reforça em seu papel de mãe. Para Bick, segundo Falcão (2002), a mãe atenta está apta a captar e traduzir as comunicações tão precoces de um bebê.

Esse é um momento muito delicado e de grande responsabilidade, pois de acordo com Crammer (1993), a criança pequena está “em branco”, apreendendo o mundo. Um bebê não é capaz do uso das palavras e seu comportamento pode ser interpretado por maneiras múltiplas, abrindo a possibilidade em podermos ler nele exatamente o que está querendo expressar, mas também intenções que queiramos lhe atribuir. Dessa forma, os pais vão revestindo cada manifestação da criança de significados complexos.

Mélega (1997) compara este método de observação à técnica de jogo para crianças de Mellanie Klein. A partir de dados coletados, se faz a leitura da seqüência de interações, permitindo que se encontre sentido nas interações. Para tanto, nos atenta ao contexto, onde ocorrem os fenômenos com fins de adquirir uma visão contínua da interação, para aproximar os significados de condutas.

Hanna Segal (1991) também refere que, através da fantasia, a criança tenta gerir suas necessidades. Descreve o fantasiar e o pensar com um fato comum: poder manter determinado nível de tensão sem descarga motora imediata, e ainda sugere que a origem do pensar está justamente nesse processo, em testar fantasia e realidade. O pensar como modificação da fantasia inconsciente promovida pelo teste da realidade.

Podemos aprender a ser poetas com as mães e seus bebês

Passadas as explicações a respeito da técnica sobre o método de observação de Esther Bick e suas implicações acerca do desenvolvimento de um bebê, agora é tempo

de inferir mais algumas considerações concernentes ao observador ao longo desse processo. Pode-se ousar dizer que os observadores adquirem a mesma posição das crianças que estão observando, ambos têm que aprender a lidar com suas fantasias: a posição de poetas, relação esta que Freud criou em 1908 no texto “El Creador Literário y el Fantaseo”, na qual a função de um poeta é criar um mundo de fantasias com grandes montantes de afeto ao mesmo tempo que consegue, ainda que inconscientemente, o separar da realidade afetiva.

Quando se observam as crianças, elas demonstram se comportar como poetas enquanto brincam, por criarem um mundo próprio, um mundo no qual colocam as coisas do seu mundo numa nova ordem que lhes agrada. A criança vai aprendendo como é o mundo, pelo brincar, através de situações imaginárias, jogos com suas fantasias. Enquanto crianças, o livre jogar, o deixar-se dirigir por desejos, rege com magia a criatividade de suas ações.

Aos poucos, elas vão diferenciando o mundo real do mundo das fantasias. Elas vão crescendo e a cada dia têm mais tarefas reais para cumprir: temas de casa, aulas de inglês, entre outras atividades. O lúdico vai ficando cada vez mais distante delas com o passar de cada ano de aniversário. Inclusive, é esse o processo que lhes auxiliará em sua educação, no seu crescimento e aprendizado.

Obviamente, cada ser humano se subjeta de forma singular no universo, mas é fatural que o mundo dos adultos requer o cumprimento de funções extremamente racionais.

Assim, a atividade fantasiadora, a irrealidade do mundo dos adultos implica na formação de substitutos, em vez de jogar, agora fantasiar. Usualmente, os adultos se envergonham de suas fantasias, e até se escondem delas. Já o poeta joga seus jogos ao público, seus sonhos/fantasias pessoais. Ofertando aos leitores um elevado prazer através de identificações com o conteúdo em questão.

O poeta fantasia, brindando a si mesmo figuração estética frente ao desprendimento de fontes psíquicas muito mais profundas. Penso que, assim como nos relatos das observações vivenciadas, se ponham palavras em sentimentos que vieram a ocupar um espaço antes caracterizado como vazio. Na fala, na escrita, o observador além de aliviar suas tensões momentâneas, também se habilita a tratar de suas próprias fantasias, e/ou memórias mais remotas.

Ouso dizer que uma vivência tão intensa quanto a observação de um bebê, desperta um poeta adormecido em recordações inconscientes e conscientes do observador. E quem sabe, os mais tenros desejos encontrem cumprimentos via criação poética no ato da escrita. Como no método Esther Bick, o objetivo direto da observação é com os bebês e suas mães, seguindo a premissa pela qual a criação poética deriva de um substituto dos antigos jogos infantis através do qual o bebê jogava com a fantasia, de modo a despender grandes montantes de afeto. (FREUD, 1908)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de vivenciada a situação da observação e haver relatado tudo que pôde ser observado, isto é, gestos, olhares, carinhos, falas, vocalizações, mantive minha inquietação sobre como poderia passar tudo “isso”, pronome demonstrativo indefinido, para palavras? Estaria a palavra para o observador, tal qual o oceano de representações que estão inundando a esfera psíquica do bebê? Ou ainda, como os inúmeros significados que a mãe deve aprender a identificar em seu bebê? O observador vive, mas não con-vive. Seu estar é literalmente transitório. É por essa razão que se deixa levar com a maré dos sentimentos emergentes, mas tentando não suscitar interferências nas relações observadas. São as primeiras pinceladas do desenvolvimento humano e para tanto requer toda delicadeza de nossos cuidados. Inclusive, ao que tudo indica no início desse trabalho, é este o objetivo de um observador de bebês: observar o desenvolvimento humano. Todavia, é possível perceber o construto do desenvolvimento profissional do observador, em mesma escala, no seu pensar clínico.

Escrever sobre uma experiência emocional intensa, e posteriormente descrever os fenômenos no grupo de supervisão, produz na mente do observador talentos antes ignorados e de suma importância para o desenvolvimento do analista. No decorrer do tempo entre os encontros das supervisões e observações, os registros escritos encontraram progressivo enriquecimento de metáforas verbais para dar conta de complexos matizes observadas. Estes registros não só descrevem parte da experiência, mas também desenvolvem a função poética da interpretação analítica (MÉLEGA, 1997).

Ao assumir seu papel de observador, o estudante está concretamente tendo que se prender ao mundo real, e que, por ser real, não pode gozar seu desejo em participar

das cenas que observa. Senta e parece estar “apenas” presente, captando jogos afetivos. No entanto, quando mais tarde ele for relatar, poderá assumir a irrealidade do mundo poético, na qual lhe é permitido derivar todos seus desejos, sentimentos, fantasias e conexões com sua vida anímica, reencontrando sua fonte geradora de prazer.

Porém, esse trabalho nos mostra que a observação de bebês ultrapassa os limites de uma observação sobre o desenvolvimento humano, ainda que este continue sendo seu enfoque primordial. Se estivermos atentos e bem orientados, poderemos desfrutar de descobertas que nos conduzem ao prazer de também observar o nosso próprio desenvolvimento como profissionais. E assim, poetas inspirados no desenvolvimento do bebê que está, ou estava, no fundinho do nosso psiquismo, permitirmo-nos o contato com sentimentos primitivos de forma livre e contida, oportunizando o exercício de vagar entre nossa memória passada, ao mesmo tempo em que se pode escrever um presente imaginário transposto em palavras.

REFERÊNCIAS

CARON, Nara Amália, MATTE, Lisandre Dreyer da Silva; CARDOSO, Mágueda Gottert; LOPES, Rita de Cássia Sobreira & DALCIN, Vânia Elisabete. O perigo mora em casa: a violência na vida cotidiana e suas vicissitudes na relação mãe-bebê-observador. **Revista de Psicanálise**, vol. VI, n.1, 1999, p.93-105.

CRAMER, Bertrand. **Profissão bebê**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FALCÃO, L. **Esther Bick e a “Observação de Bebês”** Revista de psicanálise vol. IX n.2 2002.

FERRARI FILHO, Carlos Augusto. Alguns aspectos da relação mãe-bebê e especulações sobre seus reflexos silenciosos na relação analítica. **Revista de Psicanálise**, vol. V, n. 3, dez. 1998, p. 393-404.

FREUD, Sigmund. **Obras completas: El creador literário y el fantaseo**. Amorrorto Editores, vol.IX, 1908/1988.

FREUD, Sigmund. **Obras completas: lo inconsciente.** Amorrorto Editores, vol.XIV, 1915/1988.

HANNA SEGAL, **Sonho Fantasia e Arte.** São Paulo: imago, 1991.

HOLLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** 11. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

LACROIX, Marie-Blanche; MONMAYRANT, Marie-Blanche. **A observação de bebês.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MÉLEGA, Marisa Pelella. Pesquisa da atividade simbólica com ênfase no estudo do brincar – método de observação mãe-bebê Esther Bick. **Revista Brasileira de Psicanálise**, vol. XXXI, n.3, 1997, p. 745-759.

UNGAR, Virginia. **Los fundamentos teóricos en el método de observación de bebés de Mr. Bick.** Trabalho apresentado na Clínica Pais-bebê em outubro de 2000.

WINNICOTT, Donald. W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.